

A ÁGUIA VOANDO NAS TREVAS

Pinharanda Gomes

«Esperávamos uma era de restauração e surgiu a angústia.» (Jer., 14, 19)

A passagem do 1.º centenário da fundação da revista *A Águia*, quase a par da República, oferece-nos o ensejo de uma reflexão do voo e das trevas, quando alguns temem a nossa «identidade perdida», e confirmam não terem sido fiáveis as promessas de um Eldorado, não obstante a capacidade de sobrevivência do Povo Lusitano.

A selecção social revela-se com maior clareza do que a (pelos vistos morosa) selecção natural à Darwin, selecção essa que, a existir, ocorre no processo infinitamente lento, não se dando a conhecer. A selecção social apresenta-se como fenómeno não diremos imediato, mas perceptível. Esta tese aproxima-se da que, dentro de maior rigor e criatividade conceptual, Henrique Spencer, talvez apaixonado por uma visão individualista e determinista da história humana, identificaria como um «darwinismo social», em que a selecção destrói o poder dos mais fracos (analfabetos, doentes de nascença, pobres, prisioneiros dos sistemas sociais, etc.) abrindo clareiras para o ascenso dos protegidos, dos mais fortes, ditos «melhores», ou superiores.

À descrição fenoménica, o seleccionismo de Spencer apõe uma tabela accional, destinada a elevar o maior número possível para o grau dos melhores, o que envolve o necessário utilitarismo, não apenas como filosofia especulativa, mas como pragmática criativa, de modo que a sociedade se apresenta em crescimento (*growth*) e não como produto manufacturado.

A sociedade faz-se a si mesma, não é fabricada por outro sujeito a ela estranha, aspecto que pode sujeitar (mas não sujeita) a questão, o providencialismo histórico. Todavia, os princípios sociológicos de Spencer acharam acolhimento nas mentalidades da segunda metade do século XIX, acolhimento esse mais notório do que o do evolucionismo natural, e, nalguns casos, como defesa contra a dinâmica totalista do Positivismo, sem lugar para a Metafísica, enquanto no spencerismo se admite a esfera do incognoscível, mediante as provas fenoménicas ocorrentes, tanto na natureza, como na história.

Ignoramos se o evolucionismo social de Spencer foi conhecido entre nós na leitura da língua inglesa, se através de traduções francesas, mas ocorrem incidências da teoria em alguns autores da primeira geração positivista, com particular realce nos que entrosaram o spencerismo com o superhumanismo de Frederico Nietzsche. Tais pensadores captaram a adesão do pensamento apostado na educação social e na escola activa, destinadas a formar «um ser capaz de se governar a si mesmo», e não para, em posição passiva, se deixar governar pelo(s) outro(s). Tal foi a inteligência de Manuel Laranjeira, (fal. 1912) pese embora o facto de não ter resistido aos desafios da vida. Segundo ele, toda a instrução orientada para o propósito de preparar cada um para a vida total, requer a aliança da instrução e da educação, conceitos diferentes mas convergentes, na construção do modelo que a sociedade solicita, na ânsia de perfeição.